

LIUDMILA PETRUCHÉVSKAIA

Era uma vez  
uma mulher que  
tentou matar o bebê  
da vizinha

*Histórias e contos de fadas assustadores*

*Tradução do russo*

Cecília Rosas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Liudmila Petruchévskaia

Publicado mediante acordo com a Banke, Goumen & Smirnova Literary Agency  
(www.bgs-agency.com).

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Страшные сказки и истории

*Capa*

Elisa von Randow

*Foto de capa*

CSA Images/ Printstock Collection/ Getty Images

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Clara Diamant e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Petruchévskaia, Liudmila

Era uma vez uma mulher que tentou matar o bebê da vizinha : histórias e contos de fadas assustadores / Liudmila Petruchévskaia ; tradução do russo Cecília Rosas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Страшные сказки и истории

ISBN 978-85-359-3030-6

1. Contos russos I. Título.

---

17-10857

CDD-891.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura russa

891.73

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

CANÇÕES DOS ESLAVOS DO LESTE, 9

O braço, 11

A vingança, 15

Um caso em Sokólniki, 20

Uma saudação materna, 22

ALEGORIAS, 27

Higiene, 29

A menina-nariz, 40

A nova família Robinson: Uma crônica do fim do século xx, 46

O milagre, 61

RÉQUIENS, 79

O deus Posêidon, 81

Eu te amo, 84

A casa da fonte, 93

A sombra da vida, 103

Dois reinos, 109

Tem alguém na casa, 117

A lanterna, 130

CONTOS DE FADAS, 135

O pai, 137

A mãe-repolho, 145

O segredo de Marilena, 152

O testamento do velho monge, 169

O sobretudo preto, 183

A história do relógio, 196

Este livro de Liudmila Petruchévskaia é dedicado ao amor — mais precisamente, dedicado às várias ocorrências do amor, começando pelo quase infantil, desesperado e eterno, e terminando com o amor sensato e sábio, disposto a tudo, que perdoa e salva. A escritora, ao que tudo indica, conhece uma grande quantidade de histórias, e às vezes são quase contos de fadas com final feliz, mas às vezes parecem velhas baladas nas quais o único que resta de imortal é o amor.

CANÇÕES DOS ESLAVOS DO LESTE

# O braço

Na época da guerra, um coronel recebeu uma carta da esposa. Ela dizia que estava com muita saudade e pedia que ele voltasse, porque tinha medo de morrer sem vê-lo. O coronel logo pediu uma licença; pouco antes disso ele havia recebido uma condecoração, então o deixaram ir por três dias. Foi de avião, mas a esposa morreu uma hora antes de sua chegada. Ele chorou, enterrou a mulher, e estava voltando de trem quando descobriu que havia perdido a carteirinha do partido. Ele revirou todas as coisas, retornou à estação de trem, sempre com muita dificuldade, mas nada encontrou e por fim voltou para casa. Lá, adormeceu e à noite a esposa apareceu para ele, e disse que a carteirinha do partido estava ao lado dela no caixão, do lado esquerdo, havia caído quando o coronel tinha beijado a mulher. Ela também disse ao coronel para ele não levantar o véu do rosto dela.

O coronel fez o que a esposa lhe disse: desenterrou o caixão, abriu, encontrou a carteirinha do partido perto do ombro dela, mas não resistiu e ergueu o véu. A mulher parecia viva, só

na bochecha esquerda havia um vermezinho. O coronel tirou o vermezinho com a mão, cobriu o rosto da mulher com o véu e o caixão foi enterrado de novo.

O tempo agora era curto, e ele foi direto para a pista de pouso. O avião necessário não apareceu, mas de repente um piloto de macacão chamuscado o chamou de lado e disse que estava indo exatamente para a mesma região que ele precisava ir, e que o levaria. O coronel se espantou: como o piloto sabia para onde ele precisava ir? Então notou que era o mesmo piloto que o havia levado para a sua casa.

— O que aconteceu com o senhor? — perguntou o coronel.

— Eu me machuquei um pouco — respondeu o piloto.

— Justamente na viagem de volta. Mas tudo bem. Vou levar o senhor, sei para onde precisa ir, é o meu caminho.

Eles voaram à noite. O coronel se sentou num banco de ferro. Na verdade, ele ficou surpreso de que o avião pudesse voar. Estava muito avariado por dentro, havia farrapos pendurados por todo lado, debaixo dos pés rolava algum tronco chamuscado, havia um cheiro forte de carne queimada. Chegaram muito rápido, o coronel ainda perguntou de novo se haviam chegado lá mesmo, e o piloto disse que era exatamente ali.

— Por que seu avião está nesse estado? — censurou o coronel, e o piloto respondeu que era o navegador que sempre limpava o avião, mas ele havia queimado fazia pouco tempo. E começou a arrastar para fora do avião o tronco chamuscado com as palavras:

— Este é o meu navegador.

O avião estava numa clareira, e em volta dele vagavam feridos. Havia mato por todo lado, uma fogueira queimava ao longe, entre carros e canhões destruídos tinha gente sentada e deitada, uns de pé, uns andando no meio dos outros.

— Mas que droga! — gritou o coronel. — Para onde você



me trouxe, seu miserável? Este é o meu campo de pouso, por acaso?

— Agora esta é a sua unidade — respondeu o piloto. — Trouxe o senhor para o lugar de onde o levei.

O coronel entendeu que seu regimento estava sob cerco, totalmente derrotado, todos mortos ou feridos, e amaldiçoou tudo no planeta, inclusive o piloto, que ainda por cima brincava com o tronco que chamava de navegador e pedia que levantasse e andasse.

— Ora essa, vamos começar a evacuação — disse o coronel. — Primeiro os papéis do estado-maior, a bandeira do regimento e principalmente os feridos em estado grave.

— O avião já não voa mais para lugar nenhum — observou o piloto.

O coronel sacou a pistola e disse que fuzilaria o piloto ali mesmo pelo não cumprimento de uma ordem. Mas o piloto ficou assobiando e pondo o tronco de pé o tempo todo, ora de um lado, ora de outro, sobre a terra, dizendo as palavras: “Venha, vamos”.

O coronel atirou mas pelo visto não acertou, porque o piloto continuou a resmungar seu “Vamos, vamos”, e enquanto isso o barulho de carros podia ser ouvido, e uma fileira de caminhões alemães com soldados ocupou a clareira.

O coronel se escondeu no capim atrás de uma colina, os veículos andavam e andavam, mas não houve nenhum tiro, comando ou parada dos motores. Dez minutos depois os carros passaram, o coronel levantou a cabeça — e o piloto brincava com o tronco chamuscado do mesmo jeito; ao longe, perto da fogueira, as pessoas estavam sentadas, deitadas ou vagando. O coronel se levantou e foi até a fogueira. Ele não reconheceu ninguém em volta, aquele não era de forma alguma o regimento dele, ali havia infantaria, artilheiros e sabe Deus o que mais, to-

dos com os uniformes rasgados, com feridas abertas nos braços, nas pernas, barriga. Só os rostos estavam limpos. As pessoas trocavam palavras em voz baixa. Bem perto da fogueira, de costas para o coronel, havia uma mulher em trajes civis pretos com lenço na cabeça.

— Quem tiver patente superior, por favor, me informe a situação — disse o coronel.

Ninguém se mexeu, ninguém prestou atenção para o fato de que o coronel começou a atirar, mas quando o piloto rolou o tronco queimado até a fogueira, todos ajudaram a carregar aquele “navegador”, como o piloto o chamava, para a fogueira e com ele apagaram as chamas. Ficou totalmente escuro.

O coronel tremia inteiro de frio e começou a praguejar: agora a gente não ia se aquecer de jeito nenhum, com aquele tronco o fogo não ia pegar.

E então a mulher, sem se voltar, disse:

— Por que você foi olhar para mim, por que levantou o véu? Agora seu braço vai murchar.

Era a voz da esposa.

O coronel perdeu a consciência, e quando voltou a si viu que estava no hospital. Disseram a ele que o haviam encontrado no cemitério, perto do túmulo da esposa, e que o braço sobre o qual estava deitado ficara seriamente comprometido e agora, possivelmente, ficaria murcho.

# A vingança

Era uma vez uma mulher que odiava sua vizinha de quarto, uma mãe solteira com uma filha. Por isso, quando a criança cresceu e começou a engatinhar, essa mulher passou a deixar no chão, como se fosse por acaso, às vezes um pote de água fervendo, às vezes uma lata com soda cáustica ou largava uma caixa com agulhas bem no corredor. A pobre mãe não suspeitava de nada porque a menina ainda não andava, e a mãe não a deixava engatinhar pelo corredor porque era inverno. Mas chegaria o momento em que a criança poderia sair do quarto para o corredor. A mãe alertava a vizinha que bem na passagem havia uma lata, ou: “Raiétchka, você deixou cair as agulhas de novo”, e a vizinha então lamentava sua memória terrível.

No passado elas haviam sido amigas, e pudera, duas mulheres solteiras num apartamento de dois quartos; elas tinham muito em comum e até convidados em comum, nos aniversários elas iam aos respectivos quartos com presentes. Além disso, elas contavam tudo uma para a outra, mas quando a barriga de Zina começou a crescer, Raia passou a odiá-la a ponto de perder a cons-

ciência. Ela ficava doente de ódio, começou a aparecer tarde em casa, não conseguia dormir à noite, o tempo todo aparecia uma voz masculina atrás da parede de Zina, parecia estar ouvindo palavras e batidas, sendo que Zina vivia completamente sozinha.

Zina, ao contrário, cada vez se ligava mais a Raia e até disse para ela uma vez que era uma grande felicidade ter uma colega como aquela, era como uma irmã mais velha que nunca a abandonaria num momento difícil.

Raia de fato ajudou Zina a tricotar o enxoval do bebê e a levou para a maternidade quando chegou a hora, só que não conseguiu ir buscá-la com a recém-nascida, e assim Zina passou um dia a mais na maternidade, sem enxoval, e por fim trouxe a criança numa mantinha rasgada da maternidade, com a promessa de devolver. Raia alegou estar doente e passou o tempo todo se justificando assim, e não foi nenhuma vez ao armazém para Zina, nem a ajudou a dar banho na criança, só ficou sentada com compressas nos ombros. Ela nem olhava para a criança, ainda que Zina a levasse o tempo todo nos braços, ora para o banheiro, ora para a cozinha, ora para passear, e a porta do quarto estava sempre aberta: entre e veja.

Antes do nascimento do bebê, Zina havia passado a trabalhar em casa, aprendeu a usar uma máquina de tricô. Ela não tinha família para ajudá-la, e quanto à sua vizinha, bem, lá no fundo, Zina sabia que na verdade não podia contar com ninguém — tinha sido sua ideia ter uma filha, e agora ela mesma precisava carregar o fardo. Quando a filha era pequena, Zina levava as roupas prontas ao armazém e pegava o pagamento sozinha, deixava a criança dormindo, mas quando a menina passou a dormir pouco e cresceu, as preocupações começaram. Zina precisava carregá-la junto. E Raia continuou a se queixar das juntas, ficou até sem trabalhar por causa delas. Mas Zina não ousaria pedir para ela ficar com a criança.

Raia começou a tramar o assassinato da criança. Quando Zina levava pelos dois braços a menina que tropeçava pelo corredor, notava no chão da cozinha um copo que parecia ter água, ou via sobre o banquinho uma chaleira quente com a alça pendurada — mas ainda assim Zina não suspeitava de nada. Continuava a brincar com a filha com a mesma alegria de antes, dizendo a ela: “Diga *mamãe*. Diga *mamãe*”. Mas, ao sair para o armazém ou para entregar seu trabalho, Zina passou a trancar a criança no quarto, e não sem motivo.

Raia ficou absolutamente indignada. Um dia, Zina parecia ter saído, a menina acordou e, pelo visto, caiu da cama e se arastou chorando até a porta. Raia sabia que a menina andava pouco, ela havia caído da caminha e, pelos gritos terríveis que dava, havia se machucado feio e estava deitada bem debaixo da porta. Raia não aguentava mais ouvir aqueles gritos, vestiu luvas de borracha, pegou um pacote de soda cáustica no banheiro, diluiu num balde e começou a lavar o chão do corredor, e ainda jogou por debaixo da porta onde a menina estava. Os gritos se transformaram em berros. Raia secou o chão do corredor, limpou tudo — o balde, a vassoura e as luvas —, vestiu-se e foi para o consultório do médico.

Depois do médico ela foi ao cinema, passou por algumas lojas e voltou para casa à noite. O quarto de Zina estava escuro e silencioso. Raia assistiu televisão e foi dormir, mas não conseguia pegar no sono. Zina não apareceu por lá a noite toda, nem no dia seguinte. Raia pegou um machado, abriu a porta e viu que o quarto estava empoeirado, que no chão perto da cama havia uma mancha de sangue coagulado e um rastro largo até a porta. Do derramamento de soda cáustica não havia sobrado nenhum vestígio. Raia limpou o chão da companheira, arrumou o quarto dela e passou a viver numa espera febril.

Zina afinal voltou uma semana depois, disse que havia enterrado a menina, que arrumara trabalho por uns dias e não falou mais nada. Os olhos fundos e a pele flácida e amarelada falavam por si. Raia não consolou Zina, e a vida no apartamento a partir dali ficou paralisada; Raia assistia tv sozinha e Zina ou trabalhava por dias ou ficava dormindo. Ela parecia ter enlouquecido, pendurou fotografias da filha por todo lado.

A dor de Raia foi aumentando, ela não conseguia levantar os braços e andar, nem as injeções nas articulações ajudavam. Os médicos diagnosticaram depósito de sal nas juntas. Raia não tinha mais condições de cozinhar para si nem sequer de pôr a chaleira no fogo. Quando Zina estava em casa, alimentava Raia, mas Zina vinha cada vez mais raramente para casa, com a justificativa de que era penoso para ela. Raia não conseguia mais dormir por causa da dor nos ombros. Ao saber que a amiga trabalhava como auxiliar de enfermagem em algum lugar que era quase um hospital, Raia pediu que ela arrumasse um analgésico forte, do tipo da morfina. Zina falou que não podia: “Não faço essas coisas”.

— Então preciso tomar mais destes aqui. Conte trinta para mim.

— Não, não vou fazer isso — disse Zina —, pelas minhas mãos você não vai morrer.

— Mas minhas mãos não se levantam — retrucou Raia.

— Você não vai se safar assim tão barato — disse Zina.

Então, a doente, com uma força sobre-humana, levou o vidrinho à boca, tirou a rolha com os dentes e despejou todos os comprimidos na boca. Zina estava sentada na cama. Raia levou muito tempo para morrer. Quando amanheceu, Zina disse:

— Agora escute: eu te enganei. Minha Lénotchka está viva, passa bem. Ela mora na Casa da Criança, sou auxiliar de enfermagem lá. Você não jogou soda cáustica por debaixo da porta,

mas sim bicarbonato de sódio comum, eu troquei as latas. E o sangue no chão — foi Lena que machucou o nariz quando caiu da cama. Então você não tem culpa, não tem culpa de nada, ninguém pode provar isso. Mas eu também não tenho culpa. Estamos quites.

E então ela viu que no rosto morto transpareceu lentamente um sorriso de felicidade.

# Um caso em Sokólniki

No começo da guerra, havia uma mulher chamada Lida que morava em Moscou. O marido dela era piloto, e ela não gostava muito dele, mas eles viviam muito bem. Quando a guerra começou, deixaram o marido servindo perto de Moscou, e Lida ia encontrá-lo no campo de pouso. Uma vez ela chegou lá e lhe disseram que no dia anterior o avião do marido havia sido derrubado perto do campo de pouso e que o enterro seria no dia seguinte.

Lida foi ao enterro, viu três caixões fechados e depois voltou para o seu quarto em Moscou, e ali esperava por ela uma convocação para cavar valas antitanque. Ela só voltou para casa no começo do outono e passou a notar que estava sendo perseguida por um jovem de aparência muito estranha — magro, pálido, macilento. Ela o encontrava na rua, na loja onde comprava batatas, no caminho para o trabalho. Uma noite a campainha do apartamento tocou, e Lida abriu. À porta estava aquele homem, e ele disse: “Lida, você não está me reconhecendo? Sou eu, seu marido”. Descobriu-se que ele não tinha sido enterrado, de jeito



nenhum, tinham enterrado terra; a onda de ar o havia jogado nas árvores e ele resolveu não voltar mais para o front. Lida não perguntou como ele tinha vivido aqueles dois meses e meio entre as árvores, ele disse a ela que havia deixado tudo o que tinha na floresta e conseguido uma roupa de civil numa casa abandonada.

E assim eles continuaram a viver. Lida tinha muito medo de que os vizinhos o reconhecessem, mas tudo correu sem sobressaltos. Naqueles meses, quase todos haviam deixado Moscou. Então, um dia o marido de Lida disse que o inverno estava chegando, era preciso enterrar o uniforme que ele havia deixado nos arbustos, senão alguém poderia encontrar.

Lida pegou emprestada uma pequena pá com a zeladora e eles partiram. Era preciso ir de trem para a região de Sokólniki, depois andar por muito tempo na floresta seguindo um certo riozinho. Ninguém os deteve, e finalmente ao anoitecer eles chegaram a uma ampla clareira em cuja ponta havia uma grande vala. Já estava escurecendo. O marido disse a Lida que estava fraco, mas era preciso encher de terra aquela vala, porque ele lembrou que tinha jogado o uniforme ali. Lida olhou para o fundo e de fato viu lá embaixo algo como um macacão de piloto. Ela começou a jogar terra em cima, e o marido a apressava muito porque já estava escurecendo. Ela passou três horas enchendo a vala aos pouquinhos, depois viu que o marido não estava mais ali. Lida se assustou, começou a procurar, a correr, por pouco não caiu na vala, e então viu que, lá no fundo, o macacão estava se mexendo. Lida saiu correndo. A floresta estava completamente escura, mas mesmo assim ela chegou à estação de trem ao amanhecer, foi para casa e dormiu.

E no sonho o marido apareceu para ela e disse: “Obrigado por me enterrar”.